O encantamento de sua santidade

Cancão de fogo

Universidade Federal da Bahia

Reitor
Naomar de Almeida Filho

Vice-Reitor
Francisco José Gomes Mesquita

Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora
Flávia M. Garcia Rosa

O encantamento de sua santidade

Cancão de fogo

Cordéis de

Ordep Serra

Edufba

Salvador 2006

A aparição misteriosa de sua santidade

Cancão de fogo

em Cachoeira

I

Tenho na boca a verdade
Que torna a mentira muda.
Vá raspar-se quem achar
Essa história cabeluda
Que em Cachoeira me veio
Durante a Festa da Ajuda.

Louvando Nossa Senhora
Na data miraculosa
Mascara-se muita gente
De uma forma pavorosa
Com figura de demônios
Pondo a rua em polvorosa.

Outros festejam a Santa
Com diversas fantasias
A percorrer a cidade
Com batuques e folia
Na certeza de que a Mãe
D'Ajuda preza a alegria.

Certa vez na multidão
Eu fui de devoto brabo
Sapecava pela praça
Com uma tropa de diabos
— O bom é que a mulherada
Também sacudia o rabo.

A amável bebida loura
Por todo canto corria.
Um riacho de cachaça
Por santas goelas descia
Enquanto as bandas tocavam
Alimentando a folia.

Um grupo de mascarados
E uma renca de Mandus
Com os Cabeçorras na frente
Fazia bate-baú
Samba de roda e pagode
Junto do Paraguaçu.

Deus sabe como acabou
Aquele divertimento!
É um mistério pra mim
Que turva meu pensamento
O modo como cheguei
À Pousada do Convento.

Na certa, fui ajudado
Nas trevas da noite pura
Por gente amiga da festa
– Filhos de Nossa Senhora.
Milagre da Mãe Divina
Abriu meus olhos na aurora.

Me sinto na obrigação
De o revelar a meu povo:
Bem na janela do quarto
Vi um espetáculo novo
— Um pássaro como o sol
Que voa no próprio ovo.

A luz que rompeu a casca
Dourada desse animal
Traçou-lhe com vivas chamas
A imagem fenomenal:
Forma de anjo pintado
Com tintas de carnaval.

Lembrava um pouco uma onça
A um curió misturada
Na pele de uma raposa
De asa foguetada
Olhos de vaca parida
Numa expressão delicada

Jeito de cobra coral
Mas com rabo de pavão
Ares de baleia mansa
Traços de camaleão.
— Ave de sol e de lua
Escura feito um cancão.

Com voz discreta de orquestra
O bicho falou comigo
Muito cortês e decente
Se declarou meu amigo.
— O que me veio contar
Agora mesmo lhes digo.

II [Fala Cancão]

A minha revelação
Grave na sua memória!
Só para isso desci
De lá do Reino da Glória.
Contigo, de hoje em diante,
Vou repartir minha história!

Eu já vivi neste mundo!
Há tempos, mudei de estado.
Não sou nem vivo, nem morto
— Passei pro terceiro lado.
Diverso de antigamente
Agora sou Encantado.

Enquanto vivi na terra
Usei de batota e logro
Fiz arrelia de tudo
Amava demais o jogo
O povo do meu rincão
Chamou-me...
Cancão de Fogo.

Eu enganei muita gente
Mas posso lhe dar certeza:
Dos pobres, nunca tirei.
Não fiz essa malvadeza!
Só dei prejuízo a rico
Usando minha esperteza.

Também fui pobre na terra
Sofri a necessidade
A fome, a pinimba dura
A falta de caridade
O orgulho dos poderosos
Pisando na humanidade.

O fraco pode ser forte...
Convém que não esmoreça.
Pois quando eu era pequeno
Diziam: “Talvez não cresça!”
Mas a pomba do Divino
Cagou na minha cabeça.

Embora miúdo e magro
No meu projeto de gente
Nascido de lavradores
Na seca da terra quente
A natureza tornou-me
Danado de inteligente.

Não tinha nada por mim
A não ser a malandragem
E me apliquei com capricho
Nas artes da vadiagem
Estudei necessidade
Tirei do medo coragem.

Astucioso me fiz
Buscando a sobrevivência.
Em escapar da desgraça
Ganhei muita competência
De um modo sempre matreiro
Que bolinava a decência.

A lei que persegue os fracos
Nos pés lhes coloca a trava
Beneficia o graúdo
Mantém a negrada escrava
— Essa justiça dos homens
Alegremente eu burlava.

Fiz pouco da puta fé
Que aos ricos dá proteção
E ensina ao povo miúdo
Frouxa resignação
Fazendo os pobres de bestas
No curral da devoção.

Jamais amaldiçoei
A carne que Deus me deu
Gozei o tanto que pude
E a sorte me ofereceu.
Bendigo o corpo que tive
E o gosto que conheceu.

A boca da hipocrisia
Com as ameaças do abismo
Vivia me condenando
Em nome do moralismo.
Porém eu sigo dizendo:
Mais limpo era meu cinismo!

Agora vivo no céu
E disso também me espanto...
Mas vou lhe mostrar, poeta,
Que (antes do meu encanto)
Na terra eu tive a primeira
Experiência de santo.

III

Foi numa cidade grande
Com vasta população
De povo desmiolado
Que se passou a função
Estando eu de passagem
No bico da ocasião.

De noite, eu ia na rua
No rastro de uma sereia;
Bateu uma tempestade
O rio teve uma cheia
No mar uma tromba d'água
Pintou uma cena feia.

Correndo mais que depressa
Para escapar da agonia
Entrei numa igreja velha
Num morro que ali havia
Porque achei encostada
A porta da sacristia.

Lá dentro, acendi a luz
E até descansei um pouco;
Mas de repente, no alto,
Ouvi um grande pipoco
A terra deu um gemido
Tremeu-se de um modo louco.

Depois, quando acomodou-se
A caroara do chão
Chamei por minha coragem
Nas garras da precisão
Alumiei uma vela
Nos olhos da escuridão.

A pé do altar principal
Eu vi um quadro engraçado
O santo tinha caído
Estava em péssimo estado
Na dura laje da igreja
Fizera-se descarado.

Quem busca sua melhoria
A inteligência não poupa
Que bem pensar é preciso
— E a cada prego, uma estopa —:
Joguei o santo no lixo
Peguei pra mim sua roupa.

Era um vestido de seda
Com um manto de bom veludo
(No carnaval, deixaria
Qualquer viado posudo);
Estava enxuto, e aquecia...
Na hora, pra mim, foi tudo.

Faz muitas artes o homem
Que a necessidade atiça
... E eu, para defender-me,
Não tive jamais preguiça:
Tratei de aquecer os ossos
Bebendo o vinho da missa.

Depois, como estava mesmo
Carente de descansar
Aproveitando o silêncio
Daquele santo lugar
Tirei divina soneca
Deitado em cima do altar.

Não dormi muito, porém,
Naquela oportunidade:
Foi só acalmar-se o tempo
No gozo da claridade
Que vi correr para a igreja
O povo e as autoridades.

O templo estava esquecido
Com ares de pardieiro
A vinda do cataclismo
Foi um remédio certeiro:
O povo desesperado
Lembrou-se do padroeiro.

Notando este movimento
Eu me senti inspirado
Depressa, ao nicho subi
Que eu tinha já despojado
Atrás de jarros de flores
Plantei-me, bem camuflado.

O pobre do meu ouvido
Não descansou um segundo
Com gritos, choros e preces
De um desespero profundo;
A maioria clamava
Temores do fim do mundo.

Sentindo pena da raça
Falei com voz de trovão:
“Acalme-se, povo meu!
Não é fim de mundo, não!
A gente boa se salva
— *Só há de morrer ladrão!”*

Ouvi no fundo da igreja
Suspiros aliviados
Defronte de mim, porém,
Cresceram tristonhos brados
E pavorosos gemidos
De homens alucinados.

Governador soluçava
Se maldizia o Prefeito
Juizes descabelados
Berravam de horrível jeito
Um Senador se queixava
Dando murraças no peito

Na irmandade dos ricos
Foi a maior agonia
Desmaio, chilique e enfarte
Às dúzias acontecia
Um bando de deputados
Chorava de encher a pia.

Um gordo de três papadas
Falou-me num triste arranco:
"Ó santo nosso querido!
Perdoe, mas vou ser franco:
O que será do mercado
Com o fim de todos os bancos?"

Um velho disse: "Estou frito!
A situação é crítica!
A nossa administração
Pode ficar paralítica!
Receio que ninguém sobre
Para tratar de política!"

Um homem muito alinhado
Queixou-se com desespero:
“É grande a calamidade
Deste decreto agoureiro!
O céu quer exterminar
A raça dos empreiteiros!”

Mostrando misericórdia
Bradei-lhes: “Pelo direito
Não escapava ninguém
Da tropa que esmurra o peito;
Mas para salvar alguns
Talvez eu encontre um jeito.

“Aquele que depuser
Aqui, de bom coração,
A praga do mau dinheiro
Que causa sua perdição
Na certa será poupado
Da grande devastação.

“Mas vejam que corre o tempo!
O prazo é de dez minutos.
Depois, eu já não detenho
A mão do destino bruto.
Quem não usar dessa chance
Cobre a família de luto.”

Com pouco, a meus pés ergueu-se
Formosa pilha de grana
Tanta que não juntaria
Cassino em uma semana
E eu percebi que os pavores
Governam a raça humana.

Mas prometi nova graça:
“Venha, meu povo fiel!
Os anjos estão cobrindo
O nosso templo com um véu
Quem permanecer aqui
Eu levo agora pro céu!”

Foi só eu falar assim
A igreja se esvaziou
Homem, menino e mulher
Ninguém no templo ficou
O padre foi o primeiro
Que para longe escapou.

Em minha filosofia
Ganhei uma idéia clara
Notei que o amor de Deus
É de uma espécie bem rara:
Se todos chamam por Ele
Ninguém Lhe quer ver a cara.

Vestindo minha roupa velha
Eu rápido dei no pé
De doações carregado
Da mais generosa fé
Com que dei muita alegria
Às damas de cabaré.

Na vida tive riqueza
... Jamais por um ano inteiro...
Posso dizer que não fui
Muito apegado a dinheiro
Pois todo o que eu conseguia
Deixava escapar ligeiro.

Vivi como apreciava:
Um pouco ao sabor do vento
Fui leve de coração
Ligeiro de pensamento
Só duas coisas juntei:
Amor e contentamento.

Na terra fiquei banzando
Até que chegou a hora.
Passei-me quando buscava
Consolo pra uma senhora
Esquivada do marido
Porém bela e sedutora.

Por seu amor eu vivi
Meu derradeiro papel
Lutei em dura peleja
Com o Inimigo cruel
Mas esta grande passagem
Deixe pra outro cordel...

A grande peleja de sua Santidade

Cancão de fogo

(Narrada por ele mesmo
a um poeta cachoeirano
através de uma bela garrafa)

I

O espanto começa aqui.
Cheguei a sua cancela!
Confirma-se pelo raio
De minha pássara estrela.
A minha melhor passagem
Se deve a senhora bela.

Viúva ela se sentia
Com seu esposo do lado
Que já pra nada servia
Na condição de casado
Vivia a pobre de luto
Chorando um pinto gelado.

Assim que fiquei sabendo
Daquela calamidade
Ainda mal conhecida
Do povaréu da cidade
A dama fui procurar
E ofereci caridade.

A moça ficou alegre
Mostrou-me sua gratidão.
Mas não tardou a falar-me
Com verdadeira aflição.
Provou que por seu marido
Tinha consideração.

Resolvida a ser sincera
Ao gajo ela perguntou
Se tinha alguma doença
Ou já lhe perdera amor
Porque na gostosa cama
Nunca mais a procurou.

O marido era homem forte
Poderoso fazendeiro
Tinha peões empregados
Tinha sacas de dinheiro
Mas andava ultimamente
Encorujado e banzeiro.

Quando foi questionado
Abriu a boca no choro
Disse à mulher que a amava
Acima de seu tesouro
Mas, na aflição que vivia
Não podia dar no couro.

Confessou-lhe, finalmente:
“Estou preso pelo rabo!
Na ganância escorreguei
Como em baba de quiabo.
Para ter minha riqueza
Fiz um trato com o Diabo.

"Ele fez a sua parte!
Pode-se verificar:
Deu-me terras e riquezas
Já difíceis de contar
Mas no fim desta semana
Minh' alma virá buscar."

A senhora, recordando
A triste revelação
Que o marido lhe fizera
Chorava de compaixão
E uma súplica me fez
Ajoelhada no chão.

"Querido Cancão de Fogo
Sinto dor na consciência...
Tenho pena do infeliz
Nessa horrível contingência.
Vim lhe pedir que o ajude
Com a sua inteligência!"

Agora veja você
A classe do meu transtorno:
Em nome do pão-de-ló
Quase me cozo no forno!
Por devoção à mulher
Cismei de ajudar o corno.

De fato, com aquela moça
Fiquei muito admirado:
Mostrava ter lealdade
A um homem desesperado.
Senti grandeza de alma
Num coração delicado.

Atender a seu pedido
Prometi que tentaria
(Por amor estimulado
Que ela muito merecia)
Desde quando o seu esposo
Fizesse o que eu lhe diria.

O tipo não discutiu:
Os empregados chamou
Deu-lhes terras e dinheiro
Muitos pobres ajudou.
A quem havia explorado
Pediu perdão e pagou.

Vestindo tristes farrapos
De forma nada bonita
Sentado num tamborete
Mostrando expressão aflita
Na noite determinada
Ele esperou a visita.

Na mesma sala fiquei
Na cabeceira da mesa
Com as belas vestes do homem
Trajes de sua riqueza
Anéis de ouro nos dedos
Muitos sinais de grandeza.

O meu plano era bem feito...
Porém teria falhado
Se não fosse a boa sorte
De um apoio inesperado
Que me deu um preto velho
Nesse dia libertado.

Enquanto eu me preparava
Ele veio ter comigo
E me deu um patuá
Pra livrar-me do perigo
Mais um laço especial
Presente de bom amigo:

"Escute o que vou dizer
Pois é de conveniência:
Pra derrotar o Inimigo
Não basta sua inteligência...
Mas terá um grande apoio
Porque mostrou consciência.

“Ao exigir que a meu povo,
Se desse reparação,
Multiplicou sua força:
Expandiu seu coração.
— Agora, pegue essas armas
E siga minha instrução.

“Bote logo no pescoço
Este belo patuá.
Não tire a volta por nada
Porque lhe protegerá.
Se o Inimigo lhe ataca
Este laço o prenderá.”

Ao velho eu agradeci
Com mostras de meu respeito
E na sala apavorada
Esperei o mau sujeito
Com meu baralho na mão
E o bom patuá no peito.

Sentado num tamborete
O fazendeiro tremia
Com sua pele franzida
De tanto que se encolhia
Semelhando um caititu
Todos os dentes batia.

Com pouco se deu ali
Um tormentoso debate
Que exige para contar
Profundo talento e arte
— Mas isso nosso leitor
Verá na Segunda Parte.

II

No zero da meia noite
Uma soturna pancada
Ouviu-se bater na porta
Daquela sala fechada
Como em tampa de caixão
Quando soa a martelada.

Gritei logo: “Pode entrar
Quem agora está chegando.
Em nome de Deus eterno
Vá logo se anunciando!”
Rugido me respondeu:
“Quem é que está me insultando?

“Sou um Anjo glorioso
Que gozo de independência!
Nos acordos de Lusbel
Não se invoca outra potência!
Vim buscar o que me devem
Resolver uma pendência.

“Não adianta conversa
Pois estou documentado.
Pela regra do direito
Foi o trato combinado.
Está tudo no papel
Nos infernos registrado!

"Porém agora me diga
Quem é Você, que me fala
Com imprudência tamanha
Sentado aí nesta sala
... Enquanto que meu freguês
Como um tratante se cala?

Eu dei uma gargalhada
E disse, no mesmo instante:
"Só posso rir da piada...
De fato, é interessante
— Alguém que não cumpre trato
Chamar o outro tratante!

"No caso, sou eu quem pode
Fazer a reclamação.
Quem entra na minha casa
Carece ter permissão
... E trato com meu cativo
Só dando-me explicação!

"Se ainda não me conhece
Vou lhe mostrar num segundo
A minha grande excelência
E meu talento profundo
Eu sou o Cancão de Fogo
Maior jogador do mundo!"

Piscando os olhos vermelhos
O tipo ficou parado
Por fim, brotou-lhe um sorriso:
“Confesso-me admirado!
Na raça frágil dos homens
Eu vejo um malandro ousado!

“Pra começar pelo termo:
Não sei se você já sabe...
Talvez que me conhecendo
A sua ousadia acabe...
‘Maior jogador do mundo’
É título que me cabe!

“Eu sou um anjo do inferno
O Mestre da Jogatina
Acostumado a enganar
A sua raça mofina
Quem me desafia a mim
Provoca a sorte malina.

“Agora explique direito
A graça do seu rompante...
Porque se intitula dono
Dessa riqueza possante?
Que fundamento teria
Pra me chamar de tratante?”

“É fácil — eu retruquei
Falando de modo exato — :
O apelido que dei
Você merece, de fato
— Pois vejo que não cumpriu
Os termos de seu contrato.

A esse cabra infeliz
Você prometeu riqueza
Assegurou a fortuna
Com expressão de grandeza
Mas ele caiu, por fim,
Na mais completa pobreza.

Pagando o que era devido
Na conta da exploração
Seu capital encolheu
Perdeu muita dimensão
— E o resto ficou pra mim
Por excelente razão.

Dinheiro, jóias, fazenda,
Tudo que havia ajuntado
As suas economias
Os seus rebanhos de gado
— À parte as compensações —
Ganhei-lhe no carteado.

E como, depois de tudo
Ainda fica a dever
Nos termos de nosso acerto
— Que tem de reconhecer —
O gajo se pôs, agora
Debaixo do meu poder."

O Demo disse: "Trapaça
Eu noto aqui como fede!
Embora ela seja bela
Seu gosto não se concede...
Tudo o que diz não é nada
— Pois meu contrato precede!"

Mas eu atalhei de pronto:
"Recolha seu estandarte!
É força reconhecer
Que não procedeu com arte.
Não tem valor seu contrato
Pois não cumpriu sua parte.

Segundo seus próprios termos
— Com legítima certeza —
Para que o trato valesse
Tivesse plena firmeza
Devia esse miserável
Hoje gozar de riqueza.

Eu sinto muito dizer
A Vossa Diabolência
Que sua causa é perdida
E cheia de impertinência
Pois um compromisso fez
Além de sua competência.”

O bicho ouvindo essa frase
Rangiu os dentes raivoso
Bateu com seu pé no chão
Fazendo um som pavoroso
Das ventas soltou fumaça
Fez cara de furioso.

Talvez ele me atacasse
Não fosse meu patuá...
Mas não podia vencer
A força dos orixás.
Mudou de tática logo
Tentando negociar.

“Eu reconheço que foi
Um ótimo advogado
Merece palmas e glórias
Por ter de mim triunfado
Mas quero ver se me vence
De fato, no carteado.

"Você, ao se apresentar,
Mostrou orgulho profundo
Querendo ser o primeiro
Onde não tenho segundo
Disse que é o porreta
'Maior jogador do mundo!"

Eu atalhei: "Ora essa!
A tudo já me dispus!
Espero que meu baralho
Nessa questão faça luz."
Dizendo isso, na mesa
Botei as cartas em cruz.

O demo careteou
E estremeceu de surpresa
— Buldogue com dor de dentes
Teria maior beleza —
E com um rugido feroz
Tentou rodear a mesa

Mas eu, que já esperava
Tudo de seu embaraço
Saltei de banda ligeiro
E dei no Cujo com o laço
Uma lambada tão forte
Que lhe estalou o espinhaço

Enquanto o bicho berrava
Igual a onça num fosso
Estuporado e medonho
No mais terrível sobroço
Eu apertei com firmeza
A corda no seu pescoço.

Nesse momento assisti
Uma tremenda folia
Mostrou o Demo que tem
Força de grande magia
A se virar com visagens
De sua demagogia

Se transformou em leão
Macacos e javali
Onça pintada num fojo
Cem cascavéis a parir
Rinoceronte e camelo
E búfalo, e sucuri.

Virou água de torrente
Virou labareda pura
Virou tanta porra estranha
Que ainda tenho gastura
Mas uma coisa não pôde:
Foi livrar-se da apertura.

Pois eu não soltei o laço
Que prendia o desgraçado
Por mais que ele revirasse
Com artes de espiritado;
Tanto que o bicho cansou
Tornando ao primeiro estado.

E declarou-me em seguida
Com toda a sinceridade:
"Confesso que estou vencido
Por minha infelicidade!
Desisto dessa disputa
Mas peço-lhe a liberdade.

"Entrego a alma comprada
Fazendo-lhe o juramento
De nunca mais perturbar
Vocês em nenhum momento.
Caindo nas suas unhas
Só alcancei sofrimento!

Estou feito um camundongo
Preso na boca do gato
Em prova de rendição
Agora passei ao fato:
Com minhas unhas de ferro
Estou rasgando o contrato."

Eu respondi ao danado:
“Inda não sei se acredito...
Está de conversa mole
Porque se sentiu aflito...
Acho que vou te amarrar
Aos pés de São Benedito!”

O bicho deu caroara
Suas juntas amoleceu
Sua cabeleira dourada
Em pregos se converteu
Com voz de porca gripada
O desgraçado gemeu:

“Em qualquer coisa lhe atendo
Contanto que isto não faça...
Juro que agora escutei
A mais cruel ameaça.
Aquele negro tremendo
Acaba com minha raça!”

“Então obedeça logo
E faça minha vontade
Montado me leve bem
Com toda a velocidade
À encruzilhada serena
Do tempo e da eternidade”.

O bicho no mesmo instante
Me deu completa razão
Se transformou num cavalo
Com asas de gavião.
Montado nele parti
Atravessando a amplidão.

Chegamos rapidamente
A um estranho lugar
Onde parece que o céu
É misturado com o mar
E sobre as ondas vadias
Se vê a terra nadar

Suave linha de luz
Nas brumas aparecia
Feito um fiapo da aurora
Passando entre a noite e o dia.
Terrível é a sentinela
Que neste espaço vigia.

O bruto me disse então:
"Aqui seu mundo termina!
Não pode passar vivente
Além dessa linha fina.
Quem vela pelo decreto
Tem natureza ferina."

Foi só ele dizer isso
Que eu já me entusiasmei:
A linha leve, de um salto
Bem rápido ultrapassei.
(Como é que pude fazê-lo
Até agora não sei).

Ainda hoje, lembrando,
De me espantar não acabo:
Um vulto logo surgiu
Enorme, tremendo e brabo
Com uma foice na mão
Interpelando o diabo.

“Como é que você ousou
Espírito impenitente
Desafiar minha lei
Que é fruto do Onipotente?
Não sabe que dessa linha
Não deve passar vivente?

“Agora o mal está feito!
Não dá para corrigir.
Não sei o que vai haver
Que coisas estão por vir...
Mas a você, desgraçado
Eu não demoro a punir.”

Falando assim, ferozmente
Aquele vulto agitou-se
O diabo tentou correr
Mas logo cantou a foice
Tirou-lhe o chifre direito;
O bruto quase acabou-se.

Porém ainda gritou:
“A sorte é que sou eterno!
Mas nunca anotei tamanha
Desgraça no meu caderno...
Cancão, se mande pro alto...
Não quero Você no inferno!”

Quem anda com poesia
Fala a verdade, não erra...
O resto dessa aventura
Que me retirou da terra
Eu conto em outro cordel
Nos versos de Ordep Serra.

As ilustres peripécias de sua Santidade

Cancão de fogo no céu

(reveladas por ele mesmo
a um poeta cachoeirano
através de sete garrafas)

Prólogo

Saúdo o Divino Amor
Que no céu é soberano.
Por sua graça direi
Em verso cachoeirano
Como é que Cancão de Fogo
Passou para outro plano.

A história bem começada
Compactamente acabo.
Já noutro cordel narrei
O lance do santo brabo
Que ao fim do mundo chegou
Amontado no diabo.

Seguindo a prosopopéia
Tremenda que iniciei
Do grande Cancão de Fogo
Já muito me aproximei.
Com suas próprias palavras
Seus feitos descreverei:

I [Fala Cancão]

No limbo da barra azul
Peguei a estrada direta
Subindo rapidamente
Nos ares feito uma seta
Graças à amável carona
De um belíssimo cometa

Assim que o bicho passou
Por mim, naquela amplidão,
Saltei-lhe no lindo corpo
Com toda a disposição
(Sempre curti montaria
De cabeleira e rabão).

Passando perto da lua
Vi, num galope ligeiro,
Seguido por jacaré
Com ventas de fogareiro
Um garanhão a levar
Fortíssimo Cavaleiro

Mais longe, vi uma rês
— Aparição estrelada —
Pela cintura do mundo
Trotando relampejada
Gritei:
"Bom dia, São Jorge!
Tá indo pr'a vaquejada?"

O santo disse:
"Que peça
Me vem do mundo rasteiro!
Saiba que guardo poderes
Eternos de Cavaleiro.
Deixei o altar da lua...
Mas não para ser vaqueiro!

"A profissão é honrada,
Não vejo nisso desdouro...
Porém, nos campos agrestes,
Não penso em cuidar de touro
Nem quero mudar a roupa
Trocando ferro por couro.

"O Papa de lá da terra
Negou minha consagração
Tirou-me do calendário
Dos santos de devoção;
Na eternidade, contudo
Não muda minha condição.

"Deixei a capela branca
— A minha antiga morada —
Pois vivo melhor sozinho
Do que em companhia errada.
Com americano chegando
A lua tá esculhambada!

Eu busco um astro no céu
Onde em sossego morar
Com grutas para o dragão
Fazer seu pito e fumar
Recuperando suas forças
Depois de a gente brigar."

Eu respondi: "Ó meu santo
Eu sempre o venerarei!
Não perde sua majestade
Quem claramente foi rei!
De coração, um conselho
Aceite que lhe darei:

"O seu dragão está velho
Já não agüenta maltrato...
Pegue esse ferro comprido
Que é perigoso de fato
E atoche no cu do Papa
Que lhe cassou seu mandato!"

São Jorge disse:"É preciso
Decência e moderação!
Falar assim com um santo
É falta de educação.
Mas vá em paz! Reconheço
Que é boa sua sugestão."

Acelerou-se o cometa
De um modo fenomenal:
Tanto, que logo me vi
No lombo desse animal
Erguido à faixa formosa
Da cinta zodiacal.

O que eu vivi no pedaço
Daqui a pouco direi
Segundo o rito da pinga
Que em vida já pratiquei
Com boca de poesia
Contando tudo que sei

II

Em astro vertiginoso
No céu imenso voando
Eu fiz a curva do tempo
A mundos claros chegando
De uma beleza serena
Que sempre estou recordando.

Eu tinha muito desejo
De campear nesse espaço
Em busca do boi estrelo
Que vi trotar no compasso
Da música das esferas
— E de o pegar com meu laço.

Mas longe dele saltei,
Numa baía estrelada.
Foi onde vi criatura
Estranha de misturada:
Bode com rabo de peixe
E cara desaforada

Tem muito bicho esquisito
Que pelos astros passeia
... Na terra nunca vi disso...
... E quem quiser que me creia:
Lá na maré do infinito
Um bode faz de sereia!

O bicho me olhou de um jeito
Que abalou minha fé
E quase me põe em fuga.
... Mas antes de dar no pé
Nas suas ventas cheguei
A caixa de meu rapé.

Foi tanto espirro cabral
Que todo o mundo abalou.
Atrás da curva do sol
Nos astros se alevantou
A ventania tremenda
Que pelo céu me atirou.

Voando, bati nas costas
De formidável gigante
Que um pote d'água inclinava
Entre seus braços possantes
Eu me assustei com a visão
Do brucutu faiscante

O camarada exclamou:
"Quem é esse temerário
Que aqui me fez derramar
Mais água que o necessário?"
Eu retruquei: "Vou buscar
Uns peixes pra seu aquário!"

E logo saí nadando
Na vastidão sideral.
Num instante cheguei à praia
Do mundo zodiacal
Nas ondas de luz deixando
Parelha de bacalhaus.

Não tinha anzol nem caniço
Tarrafa nem rede alguma
Deixei morrer a promessa
Nas luminosas espumas
Que o aguadeiro gigante
Sumira-se já na bruma.

Notei que em casal de peixes
Também se encontra capricho
Peguei no rabo da fêmea
O macho deu-me um esguicho
Vinguei-me chegando á margem:
Mijei na boca do bicho.

Ainda bem que eu já tinha
Passado para a campina...
O peixe do céu tem mesmo
Sangue na guelra ferina:
De um pulo quase me arranca
A distinção masculina.

Corri pelo campo astral
Que parecia uma ilha
Tremendo de apavorado
Fechei a minha braguilha
Quase que as moças da terra
Perdiam sua maravilha.

Com pouco me apareceu
Nuvem de lã flutuando
Com chifres em caracol
Olhos de estrela brilhando
Admirei-me de ver
Carneiro no céu brincando

Imagem de luz macia
Com graça de passarinho...
Era tão lindo o animal
Que provocou meu carinho
Peguei a faca depressa
Para esfolar o bichinho

Minha intenção era essa
Que francamente não nego
Tocou-me grande ambição
(Na hora, deixou-me cego)
Queria fazer bonito
Usando aquele pelego.

As aparências enganam...
De recordá-lo não canso;
Engano meu foi achar
Que aquele bicho era manso
Me fez passar da medida
Num rapidíssimo avanço:

Fugindo ao pai-de-chiqueiro
Corri até que cansei
E então terrível marrada
No meu traseiro levei
Por cima do boi estrelo
Léguas e léguas voei.

Por um azar esquisito
Meu plano se desmanchou
O laço que eu empunhava
Em cima da rês tombou
Os chifres dela cercando
A corda lá se ficou

O touro, com aquele trem
Tomou um susto retado
Pendeu-lhe na cara a trança
Deixou o bicho irritado
A sacudir a cabeça
Com bufos de condenado

Já eu, por um longo tempo
Cortando o celeste espaço
Na travessia do escuro
Do mundo não via traço
Por fim, caí numa rede
Na praia dos dois mabaços.

Um deles falou pro outro
“Que meteoro esquisito!
Tem pouca velocidade
Não faz um fogo bonito
É acanhado e miúdo
Parece mais um mosquito!”

O outro lhe respondeu
“Aqui não se guarda lixo!
Vamos jogar adiante
Essa porqueira de bicho
A fim de ver se depois
Viaja com mais capricho!”

Sentindo o novo perigo
Na minha grande aventura
Eu procurei me safar
Com sabedoria pura
Joguei entre os dois garotos
Um taco de rapadura.

Bateu-lhes a gulodice
Que puxa o assanhamento
Com os dois disputando o doce
Eu pude tomar alento
Saltei da rede e parti
Saboreando o momento.

Deixei os gêmeos pegados
Num grande turundumdum
Tratei de ganhar depressa
A bela estrada incomum.
Mais adiante topei
Com um puta de um guaiamum.

O bicho veio pra mim
Naquele passo de banda
Eu o imitei caminhando
Do jeito como ele anda
Mas para o lado contrário
Em formação de ciranda

Cantei um samba de roda
Ficamos nós a dançar
E eu alargando o raio
Tratava de me afastar
Senão as terríveis pinças
Podiam me espedaçar

Foi boa minha estratégia
E devo-lhe a salvação
Mas logo um maior perigo
Mostrou-se a meu coração
Naquela dança eu entrei
Bem no quintal do leão

Desesperado da vida
Corri de volta pro brejo
Embora de modo algum
Fosse meu grande desejo
Tornar para a contradança
No baile do caranguejo.

Na certa, salvou-me a sorte
Com a graça do meu destino
Pois o leão é valente
Destemeroso e ferino
Mas nesse dia mostrou
Que não é bom dançarino

Na gana de me pegar
Com nada mais se importou
No território do outro
Rugindo ele penetrou
E o guaiamum, arretado,
A sua cauda pinçou.

Urrando de horrendo jeito
O rei da raiva dourada
Saltava feito um maluco
Fazia uma presepada
Atrás de seu próprio rabo
Em roda desabalada.

Depressa pus-me a correr
E muitas léguas trilhei
Até que à imagem serena
De linda moça cheguei.
De forma bem educada
A criatura saudei.

Com sua voz luminosa
Assim me falou lá ela:
“Quem é você? E que faz
Junto de minhas estrelas?
Varão aqui não penetra
Sou uma pura donzela!”

Eu respondi: “Deus te dê
Amor, ó donzela pura!
Que bem merece carinho
Quem goza de formosura.
A virgindade é tristonha
Porém este mal tem cura!

"Escute, porque lhe falo
Com meu sentimento à vista
No mal que há muito lhe aflige
Eu sou especialista
E a fim de lhe dar remédio
Trilhei esta imensa pista!"

A moça desconfiada
Foi logo me replicando:
"Você há de ter errado...
Caminhos andou trocando.
A minha saúde é boa
Não sei de que está falando!"

Eu retruquei-lhe: "Não deixe
Que a natureza se inflame!
Se perde a oportunidade,
Mais tarde talvez reclame!
Quem quer a boa saúde
Carece fazer exame!

"Ouça o que diz o doutor:
Tire sua roupa, mocinha!
Encabulada não fique
Pois não estará sozinha...
Pra que não sinta vergonha
Também tirarei a minha."

Mirando-se em meu exemplo
A moça tomou coragem
Em pouco tempo passamos
Do exame para a massagem
E desta pra um tratamento
Completo de sacanagem.

Eu quero usar de franqueza
Na história que hoje lhe conto:
Gastamos um tempo enorme
No amoroso confronto;
Depois de muitos embates
Fui eu que entreguei os pontos.

Pedi arreglo pra moça
Porque já não agüentava
Que quanto mais se fazia
Mais a danada animava
De tanto amor e folia
Por pouco não me matava

Por fim eu lhe supliquei:
“Minha querida senhora
Vamos parar o brinquedo
Que eu tenho de ir-me embora!
Como se sabe, visita
De médico não demora...”

Mas ela me respondeu:
“Que é isso, caro doutor?
Acho-me ainda carente
Da medicina de amor!
Pretende deixar-me agora
Que eu esquentei o motor?!”

Gemi: “Um intervalozinho
Não vai lhe matar de tédio...
O esforço que tenho feito
Passou dez vezes do médio.
Pra dar-lhe mais alegria
Preciso buscar remédio!”

Por fim, ela concordou
E me ajudou de verdade
Pra que eu partisse e voltasse
Com boa velocidade
Deu-me barquinha de estrelas
E velas de claridade.

Eu naveguei pelo céu
Com a máxima confiança
Que a barca era mesmo boa
Formosa como a esperança
Levou-me com rapidez
Ao pé de grande balança

Com um desacerto pequeno
Causei um problema chato
Parei de uma forma brusca
Ergui-me de imediato
Em movimento importuno
Dei com a cabeça num prato

O mundo na mesma hora
Ficou desequilibrado
Futuro saltou pra trás
Caiu na frente o passado
O vento virou do avesso
O fogo soprou molhado

Passei terríveis momentos
Vi coisas de arrepiar
Com a claridade sombria
No vácuo a se embaraçar
Até que o prato de prata
Cessasse de balançar.

Tonto, saindo daí,
Passei a outra região
Onde o terror tem morada
Ao pé da desolação
Habita esta zona irada
Horrível escorpião

Aproximou-se o lacrau
Destruidor de alegria;
Com a peçonha no rabo
Grande ameaça fazia.
Confesso, amigo, que quase
Meu ânimo esmorecia

Mas tive uma inspiração
Divina que me valeu:
Joguei-lhe perto um espelho
— E veja o que sucedeu —
Com a ferroada do bicho
A sua imagem morreu.

Rapidamente fugi.
Cheguei sem maior abalo
A um pasto onde mora um tipo
Que a outro nenhum igualo:
Vive montado em si mesmo
— É cavaleiro e cavalo.

Temível, ameaçou
Mudar meu itinerário.
E pode crer, amizade,
— Só minto se necessário —
Senti um certo receio
Das setas do Sagitário.

Deteve-me na fronteira
Aquele feroz sujeito
A distender o seu arco
Mirando bem no meu peito
E me exigiu que dali
Desse o recado direito

Eu lhe falei: “Caro amigo,
Boa intenção é a minha!
Por caridade aqui venho
Montado nessa barquinha
Pedir-lhe que vá prestar
Socorro a sua vizinha”.

O tipo me retrucou
Num golpe de voz ferina
“Qual é o mal que padece
Aquela moça divina?
Se alguém ofendeu a Virgem
Terá tristíssima sina!

“Responda! De que é que sofre
Essa donzela inocente?
O que lhe deu nas estrelas
E a torna assim padecente?”
Eu disse: “Não sei ao certo...
Parece muito carente.”

O arqueiro mostrou-se logo
Com o caso preocupado
Pra visitar a colega
Já não se fez de rogado
Partiu num belo galope
De passos acelerados.

Falei baixinho: “Vai fundo
E tira-me do sufoco!
A vossa lua de mel
Há de ser coisa de louco!
Mas cuide-se bem, pai d’ égua...
Cavalo, pra ela, é pouco!”

Entrei de novo na barca
Voltei à navegação
Buscando novas estrelas
Por pura vadiação
Mas adiante cercou-me
Um poderoso esquadrão

A minha aventura extrema
Ganhava o maior alcance...
Mas tenha calma, leitor
Que vou lhe contar o lance
Chegando à terceira parte
Deste celeste romance

III

Recomeçava no céu
A minha navegação
Quando cercou-me voando
De anjos um batalhão
E o sargento lá deles
Me fez esta saudação:

"Ó vagabundo vivente
Espécie de bagunceiro!
Salte da barca e se entregue
Obedecendo ligeiro
Pois nós não admitimos
Negaças de presepeiro!"

O seu convite aceitei
E a escolta arcangelical
Que bem depressa levou-me
Ao glorioso portal
Onde São Pedro preside
A lúcido tribunal.

O arcanjo me apresentou:
"Este mané miserento
Há pouco nós detivemos
Na volta do firmamento
Onde fez muita desordem
Num passeio turbulento.

"O celeste Capricórnio
De espirrar quase matou
A vasilha do Aguadeiro
Por pouco ele não quebrou
Irados deixou os Peixes
Com um jato que catingou.

"O Carneiro provocou
Pôs o Touro furioso
E os Gêmeos engalfinhados
Num tendepá horroroso
Pôs Caranguejo e Leão
Num círculo vicioso.

"Motivou inusitado
Escândalo nas estrelas.
Tremendo cabra da peste!
Veneno das coisas belas!
Por culpa do descarado
Virgem não é mais donzela!

"Esse malandro pirado
Não usa de temperança:
Desequilibrou o mundo
Do tempo mudou a dança
Com um golpe que provocou
A agitação da Balança.

Fez desatinos sem conta
Em cada constelação
No zôo do céu zoou
Com grande esculhambação
A ponto de envenenar
O pobre do Escorpião.

“Causar confusão eterna
Parece que é sua meta...
Fez Sagitário largar
O arco, e perder a seta.
Apaixonado, o centauro
É hoje besta completa.”

São Pedro fez: “O que penso
Direi com sinceridade
Acho que o cabra é um maluco
De certa capacidade.
Se a sua doideira é grande
Não vejo nele maldade.

“Se pôs a espirrar um bode
E um bacalhau perfumado
Quebrou o pote de um lerdo
Botou um leão zangado
Irando touro e carneiro
Não vejo grande pecado.

“Segundo meu pensamento
Tudo que fez é bobagem
Que mexe com a fantasia
Tem jeito de molecagem.
Com isso não perco tempo
Nem cuido de vadiagem.

“Defloramento de moça
Pra mim não é maravilha.
Se consentiu no brinquedo
A bela mulher que brilha
Não tenho nada com o caso:
Não sou fiscal de braguilha!”

O anjo lhe retrucou:
“Mas temos reclamação
Do povo da astrologia
Que quase perde a razão
Não tem horóscopo certo
Gerou-se uma confusão.

“No pessoal de Carneiro
Perdeu-se toda a esperança
Vive marrando e berrando
Com medo, nunca descansa
Aos cabeçudos agora
Só o chifre dá segurança.

O Capricórnio também
Está num caos horrososo
Com todos se encabritando
Do modo mais furioso
A espirrar e peidar
Monte de corno nervoso.

O povo de Touro até
A sombra que vê ataca
Só aquieta tomando ferro
E quando não toma, empaca
Os homens vivem bufando
As donas passam de vacas.

Aquário só dá maluco
Que vive num triste assanho
Raça de hippie caduco
Bestas de todo tamanho
Que contraditoriamente
Não querem saber de banho.

A condição piorou
Do povo de Sagitário
Que nunca acerta no alvo
Tem o juízo precário;
É tudo cavalgadura
Imenso bando de otários.

O pessoal de Balança
Ficou desequilibrado
Não fala coisa com coisa
Tá sempre do lado errado
Metade é lelé da cuca
Metade é avariado.

O povo de Caranguejo
Está que não se conserta
Pra trás procurando avanço
Com a inteligência deserta
Só acham contentamento
Dançando de roda aberta.

Tristeza medonha causa
O pessoal de Leão
Que agora só dá covarde
Só prolifera cagão
Preguiça tem mais coragem
Ameba tem mais tesão.

“Hoje, as pessoas de Gêmeos
Não têm, nem merecem fé:
Com a cabeça trocada
Com o pensamento no pé
Brigando consigo mesmos
Não sabe nenhum quem é.

“Não há miséria que o povo
De Escorpião não mereça
Tem suicida, assassino
Desatinados à beça
Nos outros, que são tarados,
O rabo sobe à cabeça.

“Os Peixes vivem no nada
Com expressão de afogados
Não gostam de beber água
De pinga vivem molhados
Quando não tomam cachaça
No mínimo estão drogados.

“O povo da antiga Virgem
Está como quer o diabo
Tão grande é a safadeza
Que muito me deixa brabo:
Seja mulher, seja homem
Só pensam em dar o rabo!”

São Pedro lhe retrucou:
“Arre, mas quanta agonia!
Eu pouco estou me lixando
Pra coisas de astrologia.
Horóscopos não consulto.
Bobo é quem nisto se fia!

Não quero deitar sentença
No homem que aqui me trouxe.
Não posso julgar um vivo
Como se morto ele fosse.
É fora de minha alçada.
Nossa sessão acabou-se!”

O arcanjo falou então:
“Com toda a sinceridade
O santo me escabreou...
Mas ele fala a verdade.
O jeito é levar o preso
Ao tribunal da Trindade.”

Escorreguei ao entrar
Na grande Casa sagrada.
Deus Pai coçou o bigode
O Filho deu uma risada.
Eu me voltei pra Deus Mãe
Que é uma Senhora educada.

Por fim Ela proclamou
Em belos tons soberanos:
“Este bichinho da terra
Cobriu-se de erros e enganos
Mas puro é ainda nele
O espírito que sopramos.”

Com o hálito Seu divino
Meu corpo se incendiou
A minha forma terrena
Em fogo se dissipou
Uma alegria profunda
A alma me renovou.

E disse-me Deus:”Terás
Nova existência vadia
Na condição de encantado
Na forma da poesia
Fazendo graças e dando
Combate à hipocrisia.”

Na terra devo buscar
Cumprindo eterna missão
Poetas em que hospedar
Meu gozo e minha paixão
Contente trago pra eles
O fogo da criação.”

Assim me falou o belo
E extravagante animal
Com chamas de bom perfume
— Delírio mais que real —
No meu juízo luzindo
Sua aparição musical.

Bendigo a bela visita!
Sua acolhida garanto.
Sou muito grato a Cancão
Pois gozo do seu encanto
— E sempre que tomo pinga
Derramo um pouco pro santo.

Bodas de mangue:

A trágica história da gringa mal servida

Eu vou contar uma história
Que se passou na Bahia:
Um caso internacional
Que a razão desafia.
Exige meditação
E muita filosofia.

Leitor, prepare a cabeça!
O assunto merece estudo.
É esgalhada a matéria,
Envolve um povo graúdo.
É um capítulo estranho
Da Crônica dos Cornudos.

Tem tragédia com suspense
Muito fogo de paixão
Cotovelo machucado
Desespero e frustração
Um espantoso romance
Que apavora o coração!

Incomoda a Confraria
Muito antiga e atual
Que dentre os machos humanos,
De acordo com a lei fatal,
Forma a maior legião
Da História Universal.

Apóia-se a dita cuja
Em outra Congregação
Mais delicada e formosa
De grande reputação
— Um exército de damas
De tudo que é condição.

Misturam-se as duas tropas
Sem ter alguém que as comande;
Mas elas não se dispersam:
A sua atração é grande!
— Se uma das duas cresce
A outra inda mais se expande.

Neste progresso infinito
Uma floresta se espalha
Em que a vergonha se perde
E a safadeza não falha:
Já dá pra cercar o mundo
Com sete cercas de galhas!

Os leitores podem crer
— Não façam tanta careta! —
A dupla instituição
É a mais velha do planeta:
No mundo de Deus tem corno
Desde que existe buceta.

Porém vou falar de um caso
Muito excepcional
Que discrepa do comum
Não segue a regra geral
Dialético e profundo
De base transcendental.

Na pensativa Alemanha
(Onde a história principia)
Os filósofos discutem
Sua grave antinomia
Que paradoxalmente
Assucedeu na Bahia.

Aviso logo ao leitor
Que a questão é complicada.
Pra nós, que somos caboclos
De uma terrinha atrasada,
Não é fácil entender
A gente civilizada.

O alto refinamento
Desse povo todo chique
Tem lá suas nove-horas
— Não vá me pedir que explique!
Pois também desbundam muito
Lá na Bundesrepublik.

Tudo começa em Berlim
Com um casal virtuoso
Comemorando entre beijos
Num diálogo amoroso
Cinqüenta aninhos da esposa
Quarenta e cinco do esposo

Tomaram a decisão
— Depois da festa de amor —
De ir ao terceiro mundo
Em seu verão de esplendor
Gozar a tão proclamada
Beleza de Salvador.

A manhã em que chegaram
Respirava poesia.
Num bonito hotel de praia
Ficaram, com alegria
Desfrutando o panorama
Do belo mar da Bahia.

Foi aí que a boa Frau
Entabulou com o marido
Uma conversa esquisita
Que quase o deixa aturdido.
Mas por fim ela alcançou
Sucesso no seu pedido.

Foi quando esse bom germano
Todo feliz e contente
Perguntou a sua esposa
Das bodas concelebrante
Que presente ela queria
Ganhar, no dia seguinte.

Disse a Frau: “Já que ofereces
Ó querido esposo meu,
Vou te abrir meu coração
Que sempre será só teu
E revelar-te um desejo
Muito mais forte do que eu.

“Não te pedi por acaso
Pra visitar a Bahia...
Aqui, Você pode dar-me
Um tesouro de alegria
Fazendo realizar
Minha maior fantasia.

“Vou confessar a Você
Com grande amor e paixão
A fantasia que tenho,
Verdadeira obsessão:
Eu quero passar um dia
Trepando com um negão.

"Será uma dia somente!
Depois, juro pelo céu
Que volto para teus braços
Retomo a lua de mel
E como até hoje fui
Sempre te serei fiel!

"Dê-me uma prova de amor
Fazendo-me essa vontade
Pois isso acrescentará
A nossa felicidade
Ficarei agradecida
A ti, pela eternidade.

"Mas se eu não realizar
Minha única fantasia...
Eu juro por nosso amor:
Com forte melancolia
Vou logo morrer frustrada
Não terei mais alegria!"

O gringo, quando escutou
Da amada este juramento,
Sentiu um abalo grande
Quase que perde o alento
Seu rosto paralisou-se
Com a expressão de um jumento.

Por fim, recobrou a voz
E disse: "Ué, Meine Frau!
Você me disse loucuras
Ou eu é que te ouço mal?
Você me pede um presente
De bodas original!

"Eu sou tão feliz contigo!
Não vou querer que me enganem!
Em nossas bodas de prata
Que nossas almas se irmanem!
Não trouxe você aqui
Para trepar com Negonen!

"Então que presente é esse
Que eu darei a meu tesouro?!
Me peça roupas de seda
Jóias de prata e de ouro...
Não venha me dar a mim
Uma peruca de touro!

"Mapé com Liebfraumilch
Tomei para dar Tesão
Scheribiten, Katuaben
Combustíveis de Paixão...
E agora você deseja
Brindar-me com Traição?!"

A gringa sentiu-se logo
Muito ofendida e zangada
Retrucou a seu esposo
Com uma voz alterada
E as lágrimas pipocando
Pela cara esbraseada:

“Não me distorça a verdade
Marido! O que está falando?
Eu te abri meu coração
Meu desejo revelando!
Fui muito franca contigo...
Quem é que está te enganando?

“Não me venha com sofisma
Nem se afaste da razão!
Com a lógica, pelo menos
Tenha consideração!
Onde há sinceridade,
Como pode haver traição?

“Pense no caso direito!
A bela filosofia
Mostra que estou protegida
Pela inocência mais pia
— Pois quando se concretiza,
Dissipa-se a fantasia.

"A dialética é forte
— Você tem de concordar —
A essência do irreal
É não se realizar;
Se uma vez se realiza
O seu ser já não será.

"Logo, a transa com Negonen
É uma pura Negação
Que a si mesma anulará
Quando entrarmos em ação
Na verdade inexistindo
Pelos termos da razão.

"Homem cruel e avarento
Como você, nunca vi!
No dia das nossas bodas,
— Segundo já entendi —
Você me recusa até
O nada que lhe pedi!

"Eu vejo que seu problema
É um profundo egoísmo
Um orgulho primitivo
Temperado de machismo.
Sua atitude mesquinha
Entre nós cava um abismo!"

Vendo na cara da esposa
Que a coisa não era graça
(Saíam do seu nariz
Uns vapores de fumaça)
O gringo aflito rendeu-se
Àquela dura ameaça.

"Meine Frau, não diga isso!
Faço tudo o que quiser
Pra alegrar seu coração
Doa em mim o que doer!
Você terá seu presente...
Suceda o que suceder!"

A gringa, no que isso ouviu
Mudou o seu tom insano
Mostrou as jóias do riso
Como as teclas de um piano
E ao esposo retrucou
Com gorjeios de soprano:

"Agora sim, reconheço
Meu marido muito amado
Solidário, generoso
Verdadeiro, apaixonado!
Se um presente quer me dar,
Será muito apreciado!

"O brinde que lhe pedi
É uma coisa normal
Perfeitamente correta
Segundo a lei natural
De acordo com a medicina
Revigora, não faz mal!

"Tendo seu consentimento
Será um ato perfeito
Estribado na Justiça
Apoiado no Direito!
E ainda mostraremos
Que não temos preconceito!

"Por outro lado, eu confirmo
A ti minha fidelidade:
A um anônimo escuro
Só darei por caridade...
De eu me apaixonar por negro
Não há possibilidade!

Além do mais, moralmente
Tenho um desejo profundo
De me mostrar generosa
Aqui no Terceiro Mundo
Não precisas ter ciúmes
De um latino vagabundo!

"Ouça o que diz um poeta
Da nossa terra, meu bem:
Alle Menschen werden Brüder
Sein — os negões também!
Haverá algum aqui
Que me faça um vaivém...
Quero confraternizar
Nas graças de Deus, amém!"

O gringo se convenceu
Com essa argumentação
Que lhe fez sua mulher
Com muita ponderação
Pois ela invocou Moral
Direito e Religião.

E ele mesmo, que era mestre
Em Prática e Teoria
Mais uma motivo lhe deu
Pra fazer o que queria
Ponderando uma vantagem
Nos termos da Economia

Pois o ansiado presente
— Pelo seu modo de ver —
Neste Brasil da pobreza
Bem pouco era de valer
"Se a mão de obra é barata,
O pau também deve ser!"

Sua esposa concordou
E cheia de gratidão
Entregou-lhe totalmente
O comando da missão:
"Confio no seu critério:
Vá procurar-me o negão!"

Lá se foi o nosso herói
Muito aplicado, caçando
Um macho para a mulher
Que em casa deixou sonhando
— Para ver a coisa preta
Com zelo se preparando.

Por fim, no Porto da Barra
O gringo se achou servido:
Achou um crioulo forte
Elegante e bem vestido
Com jeito de ser um bom
Auxiliar de marido.

Chamou pra tomar um chope
O moço, e logo tratou
De lhe falar do assunto
Que até ali o levou.
Rapidamente o crioulo
Sua proposta aceitou:

"Mein Herr, é comigo mesmo!
Pode ficar sossegado.
Já vi que é homem de tino
Entende desse babado.
Sabe fazer uma escolha
Achar o mais preparado!

"Nem que passasse dois anos
Rodando pela Bahia
De norte a sul a buscar
Melhor não escolheria.
A sua sorte é perfeita!
É boa a estrela que o guia.

"Somente por ser sincero
Deixo a modéstia de lado:
Para tratar deste assunto
Eu já nasci preparado!
Fui, pela Mãe Natureza
Muitíssimo bem dotado.

"Eu sei que o bom instrumento
De rígida consistência
Não é a única coisa
Que importa nesta emergência;
Pra resolver o problema,
Também possuo a ciência!

"Pois desde cedo me aplico
E nunca me saio mal
Tive um baita treinamento
De fato internacional:
Nessa orla da Bahia
Globalizei meu cacau.

"Treinei com damas francesas,
Senhoras italianas,
Tive mestras da Alemanha
Russas e belgas tiranas,
Sem falar das exigentes
Inglesas e americanas.

"Mas uma coisa confesso
(Pois sou um homem decente
E percebo que a franqueza
É a prova do competente):
Minha atual embalagem
É indigna do presente.

"A ocasião é solene:
Festeja-se um casamento!
Eu julgo de obrigação
Estar vestido a contento...
A fim de um banho de loja
Peço um adiantamento!"

O alemão, concordando
Recomendou: “Não esqueça!
Faça o serviço direito
E a recompensa mereça!
Bunsenfunken Zakanischen
E depois, desapareça!”

Acertaram logo a coisa.
Ficou tudo combinado.
O gringo disse à esposa
Como ia ser o riscado.
E afastou-se na hora
Que o negão tinha marcado.

Passou a manhã na praia
Feito um camarão no vinho
Almoçou num restaurante
Entocou-se num barzinho
Para esfriar a cabeça
Com as espumas do chopinho.

O negão foi pontual.
No hotel, depois do café,
Nua, de corda na mão
Já o esperava a mulher:
“Tome, querido!Me amarre
E faça o que bem quiser!”

O crioulo obedeceu
Que vinha pronto pro drama
Pegou a corda, e com jeito
Atou a gringa na cama.
Deixou-a toda ansiosa
— E logo mudou a trama.

Num instante achou um malote
Em que tratou de botar
Todo o dinheiro que viu
E a máquina de filmar
Cartões de crédito, jóias
Relógios e celular.

A gringa, muito espantada
Lhe disse: "O que está fazendo?
Pra que guardar essa tralha?
Bom tempo estamos perdendo!
Vem logo abusar de mim
Depressa, Negão horrendo!

"Estou à disposição
De teu instinto malvado!
No mais profundo vexame
Do corpo meu delicado
Pronta a sofrer o martírio
De meu amor desonrado!

“Na cama das minhas bodas
Eu devo ser violada
Por tua brutalidade
Ferozmente maltratada.
Não poderei reagir
Estou toda dominada!”

O preto olhou para ela
Sorrindo com mansidão
E fez uma reverência
Mostrando sua educação
Em voz suave, depois
Falou-lhe de coração:

“Que é isto minha senhora?
Sou homem de consciência!
Nunca bati em mulher
Não gosto de violência!
Para falar a verdade
Acho isso uma indecência!

“Violar esposa alheia
É um pecado medonho!
É crime que me apavora...
Cometo não, nem por sonho!
Se maltratei a senhora
Eu juro que me envergonho!

"Não faço o errado por gosto
Madama! Vou ser sincero:
Agir assim não me agrada...
Sucede, porém não quero.
Pra lhe obedecer, já fui
Demasiado severo.

"Eu a amarrei nessa cama
Talvez causando-lhe dor;
Tirei-lhe um dia de sol
Nas praias de Salvador;
Roubei-lhe dinheiro e jóias...
Quer sacanagem maior?

"Vejo que é muito granfina...
Não posso me dar ao luxo...
Com dama de tal nobreza
Não vou queimar meu cartucho!
Gozo de bom apetite
Mas sou alérgico a bucho!"

Dizendo assim, o crioulo
Saiu pela porta afora
Levando o malote cheio
Deixando louca a senhora
Que se torcia na cama
Pior que uma caipora.

Passou-se a manhã e a tarde;
Já a noite havia caído
Quando, conforme com o trato,
Chegou-lhe ao quarto o marido
Que ao ver a cena medonha
Ficou muito estarrecido.

"Você ainda na cama
Zoando com tal furor?
Negonen se recupera?
A festa não acabou?
É tão comprido o presente
Que o dia não lhe bastou?"

A gringa urrou-lhe de volta
Feito uma onça ferida:
"Kommen, corno desgraçado
Vergonha de minha vida!
Vem logo soltar os laços
De tua mulher traída!

"Ande depressa, Bichischen!
Não me atormente mais não!
Você é o grande culpado
Dessa má situação!
Eu esperava um tarado
Você mandou-me um ladrão!

“Eu quero vingança logo
Sem muita diplomacia:
Saia daqui, vá correndo
A uma delegacia
Denunciar o tratante
Que me deixou na agonia!”

O gringo atendeu depressa
A tudo que ela mandava.
A um delegado aturdido
Daí a pouco narrava
O que lhe tinha ocorrido;
Força de lei reclamava.

Porém não era uma coisa
Tão fácil de resolver
Custou que o homem da lei
Pudesse a queixa entender
E quando atinou com a história
Mal soube como fazer.

“Meus homens talvez consigam
Prender o tal do negão
No entanto, o caso é enrolado
Em termos de acusação
Será difícil pra nós
Mantê-lo aqui na prisão.

“Não dá pra falar de estupro
Que ele não fez a besteira.
Negar-se à fornicação
De qualquer modo e maneira
Não é um crime previsto
Em nossa lei brasileira.

“Registro a queixa de roubo.
Mas temo que esta raposa
Daí também nos escape
Com suas artes de prosa:
Alegará que seguiu
As ordens de sua esposa.

“O senhor mesmo confirma
O que falou sua mulher:
‘Amarre-me nesta cama
E faça o que bem quiser!’
O negro isso mesmo fez.
Quem pode contradizer?”

O alemão protestou:
“E o trato dele comigo?
É certo que o descumpriu
Mostrando-se um falso amigo!
Será que esse miserável
Não há de sofrer castigo?”

O delegado porém
Tornou-lhe, de imediato
“Tem o senhor testemunhas?
Pôs no papel o contrato?
Fez o registro em cartório?
Tirou as cópias no ato?

“Responda de boa fé
Usando de consciência:
Que multas estipulou
Em caso de inadimplência?
Se nada disso existiu,
De provas temos carência!”

O gringo lhe retorquiu
Muito vermelho e zangado:
“No entanto, o fato é que fui
Terrivelmente lesado:
O prometido não tive
Me sinto prejudicado!

“Um dia inteiro passei
Discreto a me preparar
Pra ser um corno perfeito
Daqueles de admirar
Já orgulhoso dos chifres
Que nem cheguei a usar!”

O delegado tornou-lhe:
“Eu sinto! Mas ora, vamos
Reconhecer as lacunas
Das leis pelas quais juramos:
É um caso de habeas cornus
— Que ainda não inventamos!”

Um preso, que atrás das grades
Ouvia essa discussão
Interrompeu a conversa
Tomado de compaixão:
“Saiba que estou solidário
Meu caro gringo alemão!

“Já viu como é a justiça
Que rege esses legalistas!
Temos, do lado de cá,
Um outro ponto de vista:
Deviam tratar melhor
Os nossos caros turistas!

“Nós cá não admitimos
A falha do seu contrato
Queremos lhe compensar
Agora mesmo, de fato
... Se o delegado nos der
A permissão para o ato!

"Basta que sua senhora
Nos faça uma visitinha...
Será muito bem servida!
Garanto, por honra minha,
Que sairá satisfeita
Com a festa na passarinha!

"Até que eu tire o atraso
Faremos grande viagem
Aqui, atrás dessas grades
Lhe dobro a quilometragem
Mostrando como se faz
A lei do peru selvagem!

"Ouvi dizer que a madama
O jogo duro aprecia
Gosta de uns catiripapos
E curte pancadaria...
Com um festival de sopapos
Garanto sua alegria!

"Assim Vossa Senhoria
Por fim será coroado,
Com a máxima galhardia
Devidamente enfeitado
Voltando pra sua terra
Em muito melhor estado:

"Sua testa se elevará
Acima da maioria
Fazendo à Floresta Negra
Inveja sua galharia
E esquecerá o fracasso
Que padeceu na Bahia."

O delegado irritou-se:
"Cale essa boca, mané!
Já chega de malandragem!
Ninguém aqui lhe dá fé!
A minha delegacia
Não vai virar cabaré!

"E quanto ao senhor queixoso
Sugiro que agora vá
De volta pra seu hotel
Sua mulher consolar
Na certa, o que os dois procuram
Um dia vão encontrar."

Depois de ter o alemão
Dessa maneira partido
A seu amigo escrivão
Com a triste queixa aturdido
O delegado falou
Ainda compadecido:

"Amigo, também confesso
A minha admiração.
Da grande raça cornal
Já vi uma multidão
Julgava ter esgotado
A sua variação.

"Já conheci corno alegre
E triste, e resignado,
Indiferente e discreto
Sereno e apavorado
Religioso e ateu
Proclamativo e calado.

"Já vi do manso e do brabo
Do furioso e do frouxo
O pálido desmaiado
E o fulo com aquilo roxo
O mais estranho que vi
Foi hoje: esse corno mocho.

"Demorarei a esquecer
Sua cara de depressão
Pois ele esforçou-se tanto
Mostrou tanta devoção
Que, sem querer, lamentamos
A sua decepção.

“Porém eu tenho certeza
De que pra ele é fatal
Chegar ao alto destino
Tornado seu ideal.
O mais ligeiro dos cornos
Sustento que é o virtual.”

Leitores, aqui termino
Fazendo votos ao céu:
No amor há de ser feliz
Quem compra do meu cordel
Desfrutará do carinho
De sua amada fiel.

Aos outros desejo só
Que achem graça na festa
De seus galhardos amores
Enriquecendo as florestas
E lindos ramos de flores
Protejam as suas testas.

Assim seja!